

VÍCIOS

"PESSOAS SEM VÍCIOS TÊM POUCAS VIRTUDES"

O Kruisherenhotel, em Maastricht, é um hotel instalado numa igreja dominicana do século XV

Sagrado que foi

Igrejas vazias ou com pouco uso estão a ser reconvertidas em toda a Europa. Tornam-se bibliotecas, museus, restaurantes, mas também há discotecas e clubes de escalada. Portugal tem exemplos, com turismo na dianteira

TEXTOS JOÃO DIOGO CORREIA

ID: 124036968

17-07-2026 | REVISTA E

A disputa durou anos, os processos para travar a obra também, mas está já garantida a transformação de uma igreja histórica em Gent, na Bélgica, num supermercado de grandes dimensões. “Compreendo que este seja um tema que desperte emoções, e com razão, porque estamos a falar de uma parte importante do património da nossa cidade”, disse o presidente da câmara de Gent, Mathias De Clercq. “Mas a alternativa seriam anos de abandono, e isso não beneficia ninguém.”

O tema da reconversão de igrejas não é novo na Bélgica, nem nos países da Europa central e do norte. “Na Flandres, temos pensado em reaproveitar o património religioso desde 2008, e começamos a ver alguns projetos concretizados”, escreve Sven Sterken, especialista no tema e professor na KU Leuven, no artigo “Disponível para compra: a casa de Deus”.

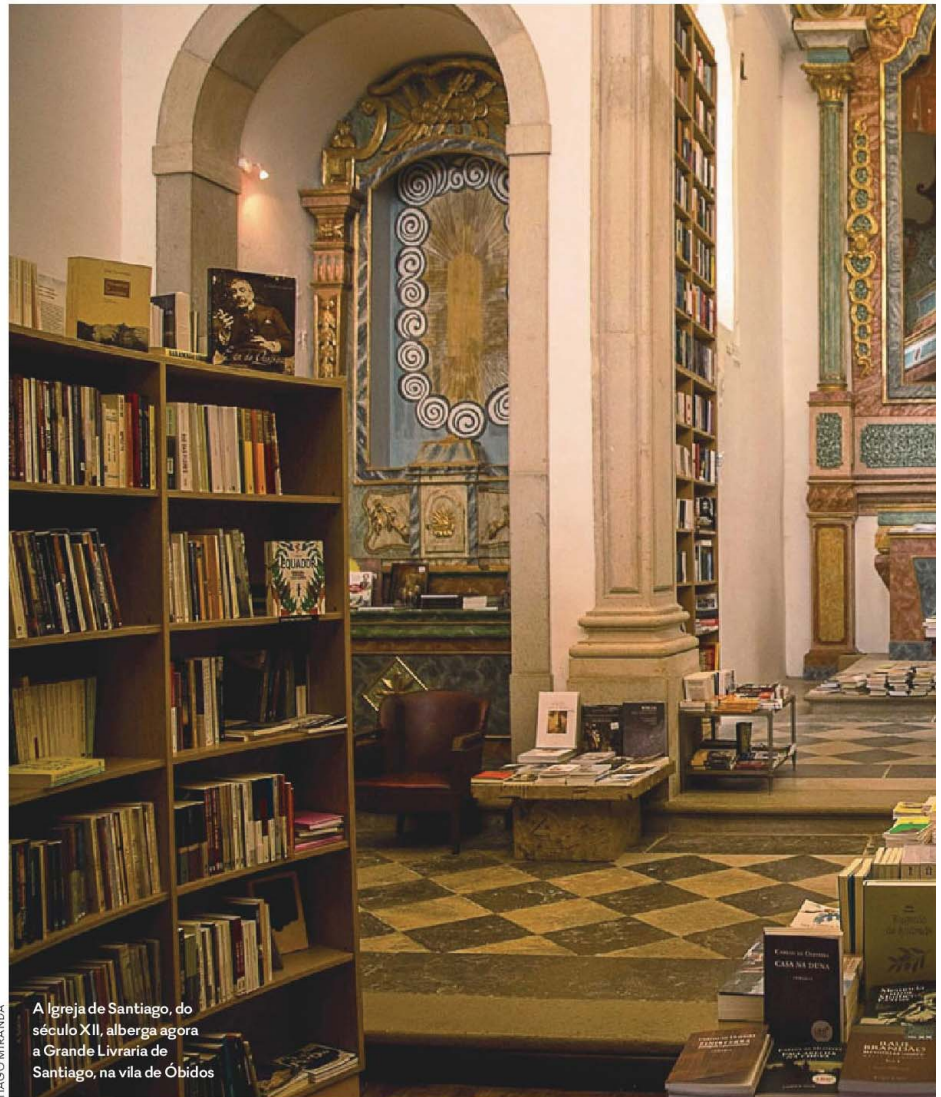
As razões são sobretudo económicas e estão ligadas à secularização das sociedades. Manter uma igreja é caro, mais ainda se estiver quase sempre vazia. Como lembra Sterken para o caso belga, muitas viviam dos batismos, casamentos e outras cerimónias religiosas, cujo número foi encolhendo. Os défices acumulados deram ao poder político uma razão óbvia para procurar uma nova vida para igrejas com menos uso. Os exemplos sucedem-se e nem é preciso sair desta região do norte da Bélgica, onde a língua oficial é o neerlandês e que tem uma vasta gama de igrejas e catedrais. Só Mechelen, uma pequena cidade de 85 mil habitantes a 25 km de Bruxelas, tem mais de 20 espaços de culto, e poucos crentes para os encher. À agência Associated Press, o presidente da câmara local, Bart Somers, congratulou-se com as soluções encontradas. “Na minha cidade, temos numa igreja uma cervejaria, um hotel, um centro cultural e uma biblioteca.”

Nem todos os projetos passam pelo turismo ou consumo. Na mesma Mechelen, os terrenos e edifícios adjacentes à St. Gummarus foram comprados por um grupo de 25 famílias à Diocese de Mechelen-Bruxelas para criar um projeto de *co-housing*, com os moradores a partilhar alguns dos espaços. Um deles é o próprio templo Art Déco, que agora abriga um polivalente onde acontecem desde aulas de yoga a sessões de cinema. A ideia foi mesmo vender as propriedades não à melhor oferta, mas ao melhor projeto.

ADEUS AO CULTO

O fenómeno é extensivo a muitos países europeus, variando a abordagem e a reação das populações, consoante o contexto social e religioso. Em territórios onde o protestantismo é forte, como nos Países Baixos, na Alemanha ou na Suécia, as igrejas são menos reverenciadas e a sua transformação vista de forma pragmática. Uma igreja nesses países “é simplesmente o edifício onde são realizados os cultos”, reflete Sven Sterken. Não é o próprio culto.

Em Maastricht, a cidade neerlandesa que dá nome ao tratado de criação da União Europeia, a Boekhandel Dominicanen, “livraria dominicana” em português, é de paragem obrigatória. É uma das livrarias mais visitadas da Europa, e considerada uma das mais bonitas, instalada numa antiga igreja gótica da ordem dos Dominicanos, datada do século XIII. A pouco mais de 500 metros fica o Kruisheerenhotel Maastricht, um hotel instalado numa outra igreja dominicana, esta um pouco mais recente



A Igreja de Santiago, do século XII, alberga agora a Grande Livraria de Santiago, na vila de Óbidos

TIAGO MIRANDA

(século XV). Casos semelhantes multiplicam-se no norte europeu, onde há também uma proporção elevada de ateus e agnósticos.

Rolando Volzone é arquiteto e especialista no património religioso no sul da Europa e não tem dúvidas das diferenças. Investigador integrado da unidade DINÂMIA'CET do ISCTE, em Lisboa, fez uma visita recente à Suécia, onde a visão é, sobretudo, pragmática. Em algumas cidades com mais do que uma igreja, “há só uma aberta por fim de semana”, e as populações convergem todas para lá. “A questão principal é como aquecer aqueles espaços, e os custos são tão elevados que não compensa abrir todas as igrejas todos os domingos.”

“Nós no sul europeu temos uma abordagem tradicional, conservadora”, reflete este investigador nascido em Itália, que vive há mais de uma década em Portugal e que conversa com o Expresso a partir de Cáceres, Espanha. Para o exemplificar com um caso português, lembra uma Igreja da Santa Casa da Misericórdia no Alentejo “fechada há décadas”. “Ninguém lá ia, mas quando a Misericórdia decidiu pô-la à venda, foi um escândalo.”

Não que Portugal não tenha casos bem-sucedidos destas reconversões. Em Lisboa, a antiga Igreja de São Julião, destruída durante o terramoto de 1755,

que sofreu um incêndio no século XIX e foi vendida no século seguinte ao Banco de Portugal, teve o edifício reabilitado já em 2012 e abriga há dez anos o Museu do Dinheiro. Em Óbidos, a Igreja de Santiago, mandada construir em meados do século XII por D. Sancho I, é um edifício histórico da vila muralhada e hoje casa da Grande Livraria de Santiago, integrada no projeto Óbidos, Vila Literária. No Porto, uma antiga capela há muito abandonada no centro da cidade deu lugar a uma casa de vinhos: chama-se Capela Incomum, fica na Travessa do Carregal. Mas estas são mais exceções do que regras.

PORTUGAL DOS MOSTEIROS

Para entender a relação de Portugal com o património religioso, é preciso distinguir igrejas e capelas dos chamados “ecossistemas monásticos”, que incluem mosteiros, conventos e os terrenos à volta. E olhar para dois momentos históricos fundamentais.

O primeiro dá-se em 1834, após a vitória dos liberais sobre os miguelistas na guerra civil e o decreto que se lhe seguiu extinguindo as ordens religiosas. Com o objetivo de diminuir o poder da Igreja e abastecer a fazenda nacional de forma a saldar dívidas, muitos bens foram nacionalizados, num processo que “acabou a fragmentar o património”. “Milhares



NO QUE ELAS SE TORNAM

BIBLIOTECAS E LIVRARIAS

A escolha número um para reabilitar igrejas. A livraria de Óbidos é um exemplo, a biblioteca de Maastricht outro, mais monumental e fotografado. Em Vught, também nos Países Baixos, a igreja de São Pedro é uma biblioteca, restaurante e museu ao mesmo tempo. E impressiona.

BARES E RESTAURANTES

Outro clássico. Em Londres, a antiga igreja de São Marcos, século XIX, no bairro de Mayfair, transformou-se num food court italiano, o Mercato Mayfair. Em Dublin, capital irlandesa, o The Church Café Bar diz ao que vem: uma antiga igreja do século XVII transformada em bar e restaurante contemporâneo. Em Bruxelas, Bélgica, o Spirito era uma discoteca que passou música durante 16 anos numa antiga igreja anglicana. Fechou este ano.

MUSEUS E CENTROS CULTURAIS

Uma das soluções preferidas, por facilitar a preservação dos espaços. Este ano, a bienal Manifesta foi realizada na Alemanha sob o tema "This is not a church" ("Isto não é uma igreja"), usando 12 igrejas desativadas em quatro cidades (Bochum, Duisburg, Essen, Gelsenkirchen) como espaços de exposição. E deixando um desafio: o que será feito delas daqui em diante?

VALE TUDO

A criatividade não tem fim, só depende das características de cada espaço. Em Bruxelas, há uma igreja neogótica (Santo António de Pádua) transformada em clube de escalada, aproveitando as paredes altas; em Barcelona, a Capela de Torre Girona, no campus da Universidade Politécnica da Catalunha, foi o local escolhido para abrigar o MareNostrum, um dos supercomputadores mais poderosos da Europa.

de hectares foram divididos em diferentes parcelas, até árvores foram vendidas em partes", conta Rolando Volzone. Embora as ordens femininas tenham sido extintas mais tarde (a regra era que não aceitassem noviças, mas mantivessem as funções até à morte da última freira), as comunidades masculinas foram imediatamente obrigadas a abandonar a vida monástica, e os edifícios passaram para serviços públicos, como hospitais e escolas. "Era uma lógica funcional", segundo o investigador, uma vez que "o conceito de património estava ainda muito longe". Outros espaços foram colocados em hasta pública, "mas entre o inventário do mosteiro e a venda passaram décadas. Muitos locais foram esvaziados, perdemos muito património".

O segundo momento de relevo é a década de 1940, quando o Estado Novo começa a criar uma rede de alojamentos para promover o turismo, à data ainda incipiente, tanto interno como externo (até para aproveitar a posição neutral na Segunda Guerra Mundial, promovendo-se como um refúgio). As Pousadas de Portugal nascem com cogumelos pelo território, muitas a partir de palácios e castelos, mas também de conventos e mosteiros. "Aí já há uma lógica entre o património e o turismo", na leitura de Rolando Volzone, e "não há uma transformação tão

invasiva" dos espaços. Essa é mais recente. Em 2016, o Governo de então cria o programa REVIVE, com o objetivo de colocar no mercado conventos, quartéis e mosteiros devolutos, tentando encontrar entidades privadas interessadas em reabilitá-los. O olhar, não só do programa mas das reabilitações que acontecem um pouco por todo o país, passa a ser quase puramente turístico e de "alta gama", na opinião de investigadores como Rolando Volzone. "Nascem hotéis de charme, de 5 estrelas, mas com vários problemas." Exemplos? "Uma cela monástica de dois m² é transformada numa suíte, que tem o triplo do tamanho. Isso obriga, por exemplo, a abater muros entre celas."

A reconversão de património religioso em recurso turístico é uma constante em vários países, mas para Volzone, Portugal tem deixado de lado a importância da "vocação do espaço ou do que as populações e o território precisam". Vê um excesso de hotéis, a preços inacessíveis para a maioria das pessoas que vivem naquelas zonas, o que significa muitas vezes uma "subtração de recursos". "O caso de Caminha é claro: não são precisos mais hotéis", avisa. O turismo corre o risco de "deixar tudo igual, até não termos nada para visitar."

A habitação é uma das alternativas possíveis, na qual Portugal tem também exemplos, como o do

Convento das Bernardas, em Lisboa. Vendido depois de 1834, teve as antigas celas alugadas durante anos a famílias de baixos recursos, mas foi-se degradando, e teve de ser intervenção no princípio deste século. Reabilitado, o Convento ainda é casa para dezenas de pessoas.

Em Coimbra, a solução para outro mosteiro des-sacralizado e sem funções após a Revolução Liberal foi transformá-lo num café-restaurant, inaugurado em 1923. Com mais de 100 anos de idade, o Café Santa Cruz continua a ser um ex-libris conimbricense.

Rolando Volzone vê o futuro com esperança, até porque o potencial é enorme. Ao contrário do que acontece na cidade onde esteve em visita de trabalho — "Cáceres tem mosteiros e conventos no centro histórico que continuam a funcionar com as congregações religiosas" —, Portugal tem muitos vazios ou quase ao abandono. "No Alentejo, temos 131 conventos e mosteiros e só um ou dois é que mantêm a função."

Vale a pena, por isso, intervir, sem esquecer a dimensão espiritual. "É impossível tirá-la destes espaços", diz o investigador. "Enquanto por um castelo passaram milhares de anos, os complexos religiosos criaram laços e comunidades. Já não criam como dantes, mas ainda criam." ●